

A tendência do jornal¹

Análise da cobertura jornalística na eleição municipal de São Paulo em 2004

Rodrigo de Carvalho²

Fundação Cásper Líbero

Resumo: A cobertura jornalística realizada pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* foi tendenciosa na eleição municipal de São Paulo em 2004, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ. Os jornais impressos são isentos na produção de notícias? Há uma tentativa de formação de opinião de classe? Este estudo tem a finalidade de verificar a tendência dos jornais, o caráter ideológico destes veículos de comunicação e os aspectos democráticos em questão.

Palavra Chave: jornalismo impresso, democracia e ideologia.¹

O quadro político

Em 2004 a vida do povo brasileiro não teve grandes mudanças, com alto índice de desigualdade social, desemprego, baixa renda e ausência ou ineficiência de direitos sociais básicos como educação, saúde e moradia. A economia deu mostra de crescimento no patamar de 5%, superando a média de crescimento em dez anos de aplicação do modelo neoliberal. Acontece que este crescimento não repercutiu em distribuição de renda e riqueza, a concentração dos lucros continuou nas mãos de uma minoria abastada que se aproveitaram dos investimentos financeiros rendosos. No esporte, tivemos desempenho razoável na Olimpíada de Atenas com 10 medalhas e Robinho, um garoto fantástico que mostrou como o brasileiro joga futebol, levou o Santos campeão nacional. Foi decretada a intervenção no Banco Santos, do empresário das artes Edemar Cid Ferreira. A Bienal de Artes foi considerada das mais fracas com pouca criatividade. George W. Bush foi eleito presidente dos EUA sem contestação. Em Fallujah houve resistência à invasão norte-

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo ao V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Rodrigo de Carvalho é sociólogo e mestrando em comunicação social pela Fundação Cásper Líbero (SP).

americana contra o Iraque e muita gente inocente morreu numa guerra injusta. Na América Latina muita manifestação e conturbação política. Walter Salles lançou seu novo filme em âmbito internacional, com Diários de Motocicleta e os escritores internacionais bravatearam no festival de Parati/RJ. Em 2004 houve eleições municipais, dois anos depois da vitória de Lula para presidente, um operário de esquerda. E a esquerda perdeu.

Este resultado demonstrou a dificuldade que um governo como o de Lula tem enfrentado, entre uma proposta de mudança política e econômica e a estabilidade da manutenção do modelo neoliberal com a contenção da inflação, uma conquista inegável, porém, à custa da retenção do consumo, ou em outras palavras, baseada na falta de dinheiro do povo. Ao mesmo tempo em que Lula foi o carro chefe na conquista de votos para seus aliados também foi motivo de desgaste dos mesmos porque não conseguiu implementar vários de seus projetos mudancistas.

A disputa em São Paulo foi das mais acirradas do país onde PT e PSDB, os dois maiores partidos, polarizaram toda a campanha eleitoral não deixando espaço para nenhum outro concorrente. Nomes tradicionais e com amplo desempenho eleitoral, como o de Paulo Maluf (PP) e Luiza Erundina (PSB) tiveram seus piores rendimentos nas urnas de todos os tempos.

O PT lançou a prefeita Marta Suplicy para a reeleição com força na periferia onde concentrou a maior parte de seus projetos sociais, como os CEU's, o Bilhete Único, pontos de inclusão digital e programas de inclusão social através de distribuição de renda. A Prefeita tinha contra sua administração a dificuldade de um sistema de saúde ineficiente, motivo dos maiores ataques dos adversários, a pecha de arrogante e a eficiente propaganda adversária de seu governo aumentar os impostos municipais para as classes média e alta.

O PSDB, principal partido de oposição no país, demorou a definir sua candidatura. Lançou alguns nomes intermediários, mas acabou por definir um dos grandes nomes do partido, o ex-ministro da Saúde e ex-candidato presidencial José Serra. A seu favor, Serra teve a propaganda de um ministro da Saúde eficiente, o principal candidato capaz de

derrotar o PT em São Paulo, e o jeito de político sério. Contra sua candidatura foi sua relação com o governo anterior, de FHC, e uma imagem de sujeito antipático.

Serra venceu as eleições por uma combinação de insatisfação da população, sobretudo a classe média, em relação ao governo federal de Lula e municipal de Marta, e também o bom desempenho eleitoral do governador Geraldo Alckmin (PSDB) que apoiou o tucano. Somam-se ainda as dificuldades enfrentadas pela administração municipal com atrasos de obras e apertos orçamentários.

Houve um total de 14 candidaturas à prefeitura, mas a polarização da eleição estava dada entre Marta e Serra. A seguir o desempenho nas urnas em 1º e 2º turnos:

Resultado das Eleições Municipais de São Paulo 2004

Candidato	Partido	Votação	% Votos Válidos
1º Turno			
José Serra	PSDB	2.686.396	43,56
Marta Suplicy	PT	2.209.264	35,82
Paulo Maluf	PP	734.580	11,91
Luiza Erundina	PSB	244.090	3,96
Paulinho	PDT	86.549	1,4
Francisco Rossi	PHS	77.957	1,26
Dª Havanir	Prona	47.579	0,77
Penna	PV	43.868	0,71
Osmar Lins	PAN	16.339	0,26
Dirceu Travesso	PSTU	8.394	0,14
Ciro	PTC	6.111	0,1
Walter Canoas	PCB	3.138	0,05
João Manuel	PSDC	1.627	0,03
Anaí Caproni	PCO	1.479	0,02

2º Turno

José Serra	PSDB	3.330.179	54,86
Marta Suplicy	PT	2.740.152	45,14

A pesquisa de cobertura jornais

Através do Doxa – Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública, grupo de estudos do Iuperj, foram feitos extensos monitoramentos dos principais jornais do país sobre a cobertura jornalística das eleições municipais em primeiro e segundo turnos. Em São Paulo, foram analisados os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e o resultado foi o amplo favorecimento ao candidato do PSDB José Serra.

A pesquisa teve por base os registros de visibilidade (quantas vezes cada candidato foi citado em cada jornal) e valência (relação de matérias positivas, negativas e neutras dos principais candidatos). A definição de valências é o efeito potencial para cada candidatura, se beneficia ou prejudica com ou sem viés de parcialidade.

Foram consideradas matérias positivas as reproduções de programa de governo; promessas; declarações do candidato, do autor da matéria ou de terceiros, resultados de pesquisas ou comentários favoráveis ao candidato. As matérias negativas estão nas mesmas condições de análise, desfavoráveis ao candidato. Neutras são citações de candidatos sem avaliação moral, política ou pessoal dos candidatos.

Foram analisados os principais candidatos majoritários: José Serra (PSDB), Marta Suplicy (PT), Paulo Maluf (PP) e Luiza Erundina (PSB).

A análise dos gráficos apresentados pelo Doxa são números aproximados considerando a cobertura de 11 quinzenas no primeiro turno, com cobertura a partir de 29 de abril, e quatro semanas no segundo turno. É importante destacar que as quantidades de matérias publicadas são desiguais dadas à importância que cada candidatura representava

na disputa. Os candidatos do PT e PSDB tiveram a maior quantidade de aparições, justificados pela polarização da campanha já verificada na análise anterior.

A cobertura jornalística de *O Estado de São Paulo* na campanha do primeiro turno de José Serra (PSDB) foram consideradas 45% como neutras, 40% positivas e 15% negativas. A candidata Marta Suplicy (PT) recebeu uma cobertura jornalística com 48% das matérias neutras, 30% negativas e 22% positivas. A campanha de Paulo Maluf (PP) teve 45% das matérias negativas, 37% neutras e 18% positivas. O *Estadão* produziu matérias da campanha de Luiza Erundina (PSB) como 55% neutras, 25% positivas e 20% negativas.

Nesta condição de matérias no primeiro turno, a candidatura de José Serra foi amplamente favorecida. A candidata Marta Suplicy que estava polarizando a eleição com o adversário tucano teve uma cobertura desequilibrada com matérias consideradas positivas inferior às negativas. O destaque de matérias desfavoráveis foi dado ao candidato Paulo Maluf.

O jornal *Folha de São Paulo* na campanha de primeiro turno de José Serra publicou 53% das matérias consideradas neutras, 25% positivas e 22% negativas. A candidata Marta Suplicy teve a cobertura jornalística de 51% neutras, 31% negativas e 18% positivas. O candidato Paulo Maluf obteve um rendimento de 44% das matérias consideradas negativas, 42% neutras e 14% positivas. A *Folha* publicou 64% das matérias consideradas neutras para a candidatura de Luiza Erundina, 25% negativa e 11% positivas.

A seguir, um quadro comparativo entre os candidatos Marta Suplicy e José Serra em relação à cobertura do *Estadão* e a *Folha* no primeiro turno:

	Serra			Marta		
	Positiva	Negativa	Neutra	Positiva	Negativa	Neutra
Estadão	40%	15%	45%	22%	30%	48%
Folha	25%	22%	53%	18%	31%	51%

A verificação dos dados demonstra que há uma diferença entre as matérias publicadas a favor de José Serra e contra Marta Suplicy. Entre os jornais também existem diferenças, o *Estadão* oferece quase o dobro de notícias favoráveis à José Serra em relação à Marta Suplicy, sendo proporcional a diferença das matérias negativas para a petista, mas ambos jornais dão maior espaço para o candidato tucano.

No segundo turno, a diferença continua com claro apoio dos jornais ao candidato do PSDB, embora nenhum deles tenha emitido opinião direta favorável a esta candidatura, apenas de forma subliminar nas notícias publicadas.

A análise do Doxa sobre a cobertura dos jornais teve início em 04 de outubro e finalizou no dia da eleição em 31 do mesmo mês.

No jornal *O Estado de São Paulo* o candidato José Serra (PSDB) teve 51% de matérias consideradas positivas, 35% neutras e 14% negativas. A candidata Marta Suplicy (PT) teve 37% das matérias consideradas negativas, 35% neutras e 28% de matérias positivas.

Na *Folha de São Paulo* o candidato José Serra (PSDB) teve 45% de matérias positivas 37% neutras e 18% negativas. A candidata Marta Suplicy (PT) teve 44% de matérias neutras, 40% de negativas e 16% de positivas. A seguir os dados comparativos entre os jornais no segundo turno:

	Serra			Marta		
	Positiva	Negativa	Neutra	Positiva	Negativa	Neutra
Estadão	51%	14%	35%	28%	37%	35%
Folha	45%	18%	37%	16%	40%	44%

Diante dos dados apresentados sobre a cobertura da eleição paulistana no primeiro e segundo turno, é possível afirmar que os jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São*

Paulo tiveram papel de formação de opinião sobre uma parcela do eleitorado com amplo apoio, mesmo que indireto, ao candidato José Serra (PSDB).

Os jornais no Brasil não têm a tradição de declaração de apoio à candidaturas, diferente de outros países como os EUA onde jornais tradicionais como *New York Times* defendem em seus editoriais as opiniões favoráveis a vários candidatos. Ainda assim não se justifica a tendência do jornal em publicar notícias favoráveis a um ou outro candidato. O jornal tem o direito de emitir opinião e até apoiar candidaturas, mas a credibilidade jornalística, maior patrimônio do veículo de comunicação, pode ser questionada a partir destas condições tendenciosas.

A análise estatística baseada no critério estabelecido pelo núcleo de pesquisa do Iuperj pode ser questionada, mas o comportamento político e o histórico destes veículos de comunicação dão razão para os números apresentados. Portanto, os jornais impressos não são isentos na produção de notícias. O que está em jogo na posição destes jornais? Poderíamos considerar a produção da notícia como uma influência de composição de classe? Qual o impacto destas questões para a vida democrática do país?

A partir do próximo ponto este trabalho terá como desenvolvimento analítico o papel de classe que estes jornais impressos representam e suas respectivas consequências. Estes veículos de comunicação são empresas jornalísticas e parte de um pressuposto ideológico claro em defesa do liberalismo e de suas correntes políticas representativas na sociedade.

A tendência do jornal

O jornal nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu desenvolvimento, inclusive no seu processo produtivo. A notícia é o produto do jornal, já definido por diversos pensadores da comunicação e das ciências sociais. No Brasil, a característica do jornal é a oligopolização com poucos veículos capazes de ter ressonância regional ou nacional.

Para identificar a tendência do jornal buscaremos a concepção estruturalista a partir da definição do jornal, e mais extensivamente da imprensa, como aparelhos ideológicos de Estado. Segundo Louis Althusser, a explicação do Estado enquanto agente repressivo de uma classe sobre outra (a burguesia sobre o proletariado) lançando mão da justiça, da polícia e outros instrumentos jurídicos-legais não são suficientes para explicar a submissão de uma maioria sob uma minoria.

Os “Aparelhos Ideológicos de Estado” – AIE’s surgem para explicar uma nova forma de submeter uma classe sobre outra, através do convencimento de idéias, ou seja, pela disputa ideológica. Portanto, teremos nesta definição, além do aparelho repressor tradicional das classes dominantes, dados pelas leis e pela força, também uma estrutura de manutenção do sistema econômico e social a partir da educação, da religião, da cultura, etc. Entre estes AIE’s formulados por Althusser, está a comunicação (baseado na imprensa, rádio, tv, etc.). Portanto, “todos aparelhos ideológicos de estado, sejam quais forem, contribuem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações capitalistas de exploração. Cada qual contribui para este resultado único da maneira que lhe é própria” (Althusser, 1999, p. 121).

Os jornais assim como outros diversos veículos de informação, como aparelhos ideológicos de Estado, se renderam à ideologia neoliberal. Para o estudo de caso apresentado neste trabalho, a cobertura jornalística de *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* são tendenciosas para defender um determinado ponto de vista ideológico e entram na disputa política apoiando, mesmo que indiretamente, uma candidatura que mais se identifica com seus ideais. Na disputa política os jornais funcionaram como instrumento de luta de idéias.

E isto não significa que os jornais são partidários, ao contrário, se posicionam acima dos partidos, mas no nível dos seus próprios interesses, não há opinião política dos jornais que não sejam irremovíveis ou insubstituíveis.

O neoliberalismo no Brasil começou a ser aplicado no período Fernando Collor e embora tenha tido o desfecho histórico que já conhecemos, os jornais aqui estudados não abriram mão da agenda de privatizações, desnacionalização das empresas brasileiras e outras medidas de abertura econômica pautada no governo que sofreu o impeachment. A aplicação do projeto neoliberal teve prosseguimento nos governos posteriores.

A defesa do mercado enquanto instrumento eficiente na regulação social faz com que os jornais tenham a defesa de posições políticas como as privatizações e a menor intervenção do Estado na economia. Enquanto empresas de comunicação, estes jornais também estão comprometidos com a defesa irrestrita da propriedade privada e têm interesses específicos que em algumas ocasiões podem interferir na notícia publicada. Partimos então deste pressuposto, até que ponto os interesses específicos podem questionar a credibilidade da notícia?

A *Folha* e o *Estadão* são veículos de comunicação tradicionais, acumularam ao longo dos anos muito prestígio na sociedade e hoje cumprem papel relevante na formação de opinião e conseguem pautar outros veículos de comunicação de maior abrangência como rádios e tv's. O principal patrimônio continua sendo a credibilidade de suas notícias, mesmo que o receptor da informação detecte a tendência do jornal.

Para Eugênio Bucci, mesmo considerando que a imprensa seja um negócio e a notícia uma mercadoria e com frequência são transformadas em instrumentos do poder político e econômico, é a credibilidade o principal patrimônio desta empresa e sua perda fatalmente será o fim de seus negócios.

“A independência editorial, portanto, tornou-se pressuposto obrigatório para quem, em nome do cidadão, se investiguem, se escrevam e se publiquem as notícias. Quem entra no ramo de informar o público tem que oferecer informação independente, isto é, *informação voltada exclusivamente para atender o direito à informação*. De sorte que, embora a imprensa seja um negócio comercial e a notícia seja mercadoria, e embora jornais, revistas, emissoras de televisão e rádio e os sites jornalísticos na internet sejam rotineiramente transformados em instrumentos do

poder econômico ou do poder político, a expectativa da sociedade continua a exigir, ainda que tacitamente, a independência editorial” (Bucci, 2000, p. 58)

Para Nelson Werneck Sodré, entretanto, os jornais estão submetidos à ideologia neoliberal e a credibilidade da informação se esvaiu, estão todos comprometidos com seus próprios interesses de classes de forma ainda mais acirrada que em qualquer outro momento histórico brasileiro.

“(…). Tais jornais perderam aquilo que se conhece como credibilidade, o que eles informam não merece confiança. Existe profundo divórcio entre o que o público pensa e acredita e necessita e aquilo que a grande imprensa veicula. A alienação dessa imprensa nova, e aqui a palavra não têm qualquer identidade com o moderno e muito menos com o popular, é total.”. E adiante: “Na verdade, a imprensa oligopolizada e vinculada à estrutura social e política vigente definiu a sua alienação e perdeu qualquer traço do que é nacional aqui. A alienação é o seu retrato.” (Werneck Sodré, 1998, p. XVI e XVIII).

Os jornais tentam demonstrar independência na produção da notícia e conseguem passar confiabilidade pelo corpo de profissionais que atuam nas redações, muito embora haja críticas severas à condução editorial apresentado entre estes profissionais, porque mesmo com todo esforço ético e profissional a decisão e a opinião emitidas pelos editoriais, principais colunistas e artigos de opinião são reflexos da opinião da empresa jornalística.

Nenhum destes jornais define claramente suas posições ideológicas preferindo utilizar o argumento do compromisso com a verdade. Ocorre que a verdade tem fatos e versões e sua interpretação incorre numa forma de visão que, em última instância, estará dirigido por uma concepção ideológica. Em referência aos manuais de redação, documento que orienta o estilo e a conduta dos jornais, jornalistas e projeto gráfico e editorial, todos se identificam sem caráter ideológico ou defendem a pluralidade de pensamento. A *Folha* orienta assim, sobre questões ideológicas em seu manual de redação:

“Em documentos anteriores a este, a **Folha** cristalizou uma concepção de jornalismo definido como crítico, pluralista e apartidário. Tais valores adquiriram a sua característica

doutrinária que está impregnada na personalidade do jornal e que ajudou a moldar o estilo da imprensa brasileira nas últimas décadas. Cabe questionar, porém, à luz das transformações sumariadas acima, se a implementação desses valores não deveria passar por uma revisão também, até com a finalidade de sacudir o automatismo fixados de hábito.

Se a premissa destas notas está correta – ou seja, se o jornalismo atravessa um período de qualificação, que ultrapassa a ênfase normativa do período anterior, a decorrência é que aqueles valores devem ser tomadas, também eles, de modo mais qualificado. Isso não significa que o jornalismo deva aplacar a sua disposição crítica, mas refiná-la e torná-la mais aguda num ambiente que não é mais dicotômico, no qual o debate técnico substituiu, em boa medida, o debate ideológico” (Manual de Redação, 2001, p. 17)

Com este entendimento cria-se uma falsa idéia de um jornal que não se influencia por critérios ideológicos, sendo superados por critérios técnicos da informação. Isto se deve, provavelmente, a uma visão da *Folha* de que as estruturas ideológicas tais como conhecemos estão superadas, em uma franca adesão ao pensamento pós-moderno do fim das matrizes iluministas.

Os jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* são instrumentos importantes para a defesa dos princípios do liberalismo econômico, inclusive em sua fase atual, o neoliberalismo, cumprindo um papel de formar opinião na sociedade, na emissão da mensagem a partir deste conceito ideológico. O mercado concentra os veículos de comunicação nas mãos de poucos grupos ou famílias enquadrando a verdade em interesses privados muito específicos.

Portanto, os jornais analisados neste trabalho têm compromissos político e ideológicos definidos, fazem uma opção de classe muito clara. Cumprem um papel de aparelho ideológico de Estado fazendo com que as opiniões emitidas e mesmo notícias publicadas tenham uma tendência de apoio à ideologia dominante.

Isto não significa, contudo que estes jornais estão vinculados a todo e qualquer governo, partido ou personalidade política, ao contrário, o compromisso é com sistema

econômico e social, mesmo que haja pontualmente críticas republicanas à corrupção, à miséria social ou a outros assuntos relevantes. Estas críticas e posições próprias de cada veículo de comunicação fazem parte das características das lutas de idéias no seio do próprio liberalismo.

A luta de idéias na sociedade é uma constante e, por vezes, são contraditórias nos diversos segmentos econômicos. O estudioso da comunicação *Ciro Marcondes Filho* define assim a relação dos jornais com o Estado e as contradições dentro do pensamento liberal:

“Dessa maneira, portanto, pode-se imputar aos produtos da indústria informativa da consciência efeitos específicos no que se refere à produção de comportamentos e posicionamentos políticos. Embora observe-se uma capacidade muito pequena para que esses meios de comunicação realmente alterem opiniões consonantes com o *satus quo*, não se pode negar que eles tenham papel importante na formação de opiniões adaptadas à argumentações particularistas e classistas que são emitidas por seus veículos. A ideologia constrói-se todos os dias, e nessa permanente reconstrução o papel do jornal é o de um dos seus melhores artífices” (*Marcondes Filho*, 1998, p. 22)

Os jornais não têm a obrigação de defender governos ou candidaturas, aliás, busca sempre questionar as ações públicas em questão. Esta é a característica que dá ao jornal certa credibilidade. Representam de alguma forma, instrumentos de fiscalização do poder público. Contudo, estas premissas não oferecem imparcialidade ou mesmo equilíbrio nas notícias e opiniões.

Ao verificar a conduta destes jornais na eleição municipal de São Paulo nos obriga a questionar o aspecto da construção da democracia na sociedade. É fato que estes veículos de comunicação hoje estão comprometidos com a construção democrática no país (embora bem sabemos que não é um compromisso fundamental dado o histórico destes jornais), mas o critério definido é o da classe dominante. E utilizam seu patrimônio simbólico em favor de determinados projetos políticos, deixando assim, o compromisso democrático de isenção da cobertura jornalística em segundo plano. Portanto, o nível de comprometimento democrático está vinculado aos interesses corporativos e de classe.

Conclusão

A vitória de José Serra na eleição municipal de São Paulo não se deveu exclusivamente ao papel que os jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* cumpriram na cobertura tendenciosa e na formação de opinião na sociedade. Serra teve êxito também por outros motivos já relatados neste trabalho. O importante é identificar que não houve cobertura isenta como pressupõe o compromisso republicano dos veículos de comunicação e o grande mérito de laboratórios como o Doxa é alertar a sociedade das intempéries existentes neste assunto.

Os jornais aqui estudados estão comprometidos com a aplicação do neoliberalismo no Brasil por entenderem que não há alternativa no momento, consideram que o mercado é o mais eficiente mecanismo de regulação social.

O neoliberalismo, porém, proporcionou em pouco mais de duas décadas (1980-90) o completo desmonte de serviços estatais de proteção à sociedade, tais como: o desmonte de sistemas de distribuição de renda, previdência pública, compensações para desempregados e a desestruturação de serviços essenciais como saúde e educação. Tudo sob a alegação que estas responsabilidades não são do Estado e que a sociedade é que devem dar conta de regular estas demandas, quanto muito, os governos devem aplicar modelos de assistência às camadas mais desfavorecidas com as chamadas políticas focalizadas. Realizou o processo de privatização das empresas estatais para que o Estado não tivesse intervenção econômica de regulação de preços e estímulo ao desenvolvimento. Com a bandeira da globalização pressionou os países para a abertura desregulada de seus mercados internos para a competitividade internacional que provocou a falência e desnacionalização de muitas empresas nacionais. Tudo isto em favor da idéia auto-regulatória do mercado. Esta concepção existe pela cultura dos poderosos reproduzidos por diversos instrumentos entre os quais a mídia.

A comunicação se transformou ao longo deste último século e é um dos principais elementos estratégicos na chamada luta de idéias. A mídia, enquanto estrutura econômica necessita de abertura, sobretudo para não permitir o “monopólio da verdade”. Entre as

alternativas para a construção de uma sociedade mais democrática é o amplo desenvolvimento dos veículos de comunicação de massas com maior flexibilidade e oportunidade da constituição da pluralidade social na exploração do espaço mídia.

Outro elemento fundamental para uma mudança no comportamento tendencioso dos jornais é a pressão popular, ou seja, os leitores destes jornais, a sociedade organizada através de suas representações e organizações, personalidades e intelectuais têm a capacidade de fazer críticas capazes de alterar o pensamento editorialista destes veículos contaminados pela entidade empresarial.

É preciso resgatar o sentido iluminista do direito inalienável à informação garantindo a amplitude e pluralidade social necessários para a construção de uma sociedade mais democrática capaz de dar respostas alternativas ao pensamento único do neoliberalismo.

Bibliografia

Althusser, Louis – *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* in “Um Mapa da Ideologia”, Contraponto Editora, 1ª reimpressão, Rio de Janeiro, 1999.

Bahia, Juarez – “Jornal, História e Técnica”, vol. 2, Editora Ática, 4ª edição, São Paulo, 1990.

Bucci, Eugênio – “Sobre Ética e Imprensa”, Companhia das Letras, 1ª reimpressão, São Paulo, 2002.

Manual de Redação – Folha de São Paulo, Publifolha, 6ª edição, São Paulo, 2001.

Marcondes Filho, Ciro – “O Capital da Notícia”, Editora Ática, 1ª edição, São Paulo, 1998.

Moraes, Dênis – *O capital da mídia na lógica da globalização* in “Por uma outra comunicação”, editora Record, São Paulo, 2003.

Motta, Luiz Gonzaga – *Ideologia e processo de seleção de notícias* in “Imprensa e Poder”, Editora UnB e Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

Sodré, Nelson Werneck – “História da Imprensa no Brasil”, Mauad Editora, 4ª edição, Rio de Janeiro, 1998.

Pesquisa do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública do Iuperj sobre a eleição municipal de São Paulo em 2004. Disponível para download em <http://doxa.iuperj.br/eleicoes2004.htm>, 25/05/2005.